



A CHINA E A NOVA ROTA DA SEDA: UMA ABORDAGEM GEOPOLÍTICA

KÁSSIA P. SCHIERHOLT¹; ESTER G. KURZ²; TWAIER GUIMARÃES DE SOUZA³; CHARLES PEREIRA PENNAFORTE⁴

1 Universidade Federal de Pelotas- kassia_ps@hotmail.com

2 Universidade Federal de Pelotas- gruppelikurzester@gmail.com

3 Universidade Federal de Pelotas- twaierguimaraes@gmail.com

4 Universidade Federal de Pelotas – charlespennaforte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O tema do trabalho está inserido nas atividades desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Geopolítica e Mercosul (GeoMercosul) e no Laboratório de Geopolítica, Relações Internacionais e Movimentos Antissistêmicos (LabGRIMA), que desenvolvem o Projeto de Pesquisa **Dinâmicas Antissistêmicas no Atual Sistema-Mundo**.

Atualmente na ordem global há uma nova distribuição de poder econômico e a ascensão da China pode ser apontada como o elemento-chave da possível nova ordem global. Todavia, diferentemente dos Estados Unidos, a China não demonstra interesse em propagar uma moralidade e também não acredita em uma narrativa universalista (STUENKEL, 2018, p. 73,90). Fato que já era apontado por KISSINGER (2011, p.34), a China nunca manteve contato por muito tempo com outras nações, o país se via desempenhando um papel especial, mas sem nunca ter abraçado o ideal americano do universalismo.

O nosso trabalho tem como objetivo geral pontuar processos históricos que resultam na ascensão chinesa e seu mais novo projeto de formulação da chamada “Nova Rota da Seda” (NRS), avaliar de maneira simplificada impactos de curto a longo prazo da (re)criação desta rota e por fim investigar as possíveis estratégias geopolíticas que estão sendo utilizadas por intermédio da nova diplomacia chinesa que, a partir de 1978, com a reforma econômica implantada por Deng Xiaoping, denominada de “as quatro modernizações” que desfez os sistemas de comunas e promoveu a abertura econômica para a economia de mercado por meio das zonas especiais (PINHEIRO-MACHADO, 2013), busca cada vez mais expandir sua influência através da participação em fóruns e organismos bilaterais e multilaterais (CINTRA; PINTO, 2017, p. 386).

Dessa forma, esta pesquisa, que ainda se encontra em processo de desenvolvimento, pretende responder a seguinte questão: Quais os objetivos geopolíticos chineses para a colocação em prática da Nova Rota da Seda?

Para fazer a análise do tema será utilizada a perspectiva teórica antissistêmica a partir da constatação do declínio da hegemonia estadunidense no âmbito da geopolítica, economia e cultura (WALLERSTEIN, 2004; ARRIGHI, 1996). A dimensão antissistêmica ocorre pelas tentativas chinesas de criar maior autonomia frente aos dilemas impostos pelos Estados Unidos para a consolidação de um mundo multipolar nos âmbitos geopolíticos, financeiro e cultural.

2. METODOLOGIA

Posto que o objetivo geral centra-se em esclarecer de forma intuitiva as principais intenções dos chineses com a colocação em prática da NRS,



conduzindo por meio de apontamentos a respeito das iniciativas e movimentações ao longo dos últimos anos, caracterizamos nossa pesquisa, de caráter investigativo qualitativo, a partir de levantamentos bibliográficos fidedignos, como artigos científicos, teses, livros e periódicos que permitirão uma argumentação da proposta e contribuirão para a construção da problemática do atual trabalho, através de uma análise da conjuntura chinesa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho está em sua fase inicial de desenvolvimento com a coleta de dados, reuniões e elaboração de relatórios quinzenais com debate crítico analítico sobre o que foi prospectado.

As rotas que conectaram, durante mais de dez séculos de funcionamento, a China, a Índia e o mundo mediterrâneo por meio da Ásia Central, foram chamadas de “rotas da seda”, termo cunhado pelo geógrafo e explorador alemão Ferdinand Von Richthofen. Além da seda eram comercializados metais preciosos, cerâmicas, ferro e rebanhos, levando múltiplos vocabulários, escritas e religiões para diferentes lugares, conectando culturas e nações (MARSHALL, 2013).

Nos últimos trinta anos, a China tem demonstrado, no ambiente doméstico, grande capacidade de se reinventar, buscando um novo regime de crescimento sustentável, bem como o desenvolvimento de uma urbanização e de uma industrialização. Já no plano internacional “a China expande sua capacidade de projetar poder econômico financeiro, político, diplomático, militar e, assim, ocupa posições cada vez mais relevantes no tabuleiro geoeconômico e geopolítico asiático e global” (CINTRA; PINTO, 2017).

É nessa linha de pensamento que podemos observar que o presidente Xi Jinping, desde que assumiu o governo em 2013, tem primado, na sua política externa, por “ressuscitar os vínculos da China com o continente eurasiano” através da iniciativa Um Cinturão, Uma Rota. A Nova Rota da Seda teria dois objetivos, um interno que seria viabilizar o crescimento de regiões subdesenvolvidas através de um melhoria em ligações de transporte, aumentando o PIB e diminuindo a desigualdade. O segundo objetivo, que se dá na política externa, é de impulsionar a influência da China na Ásia Central e dessa forma, com o aumento dos vínculos econômicos entre os países a oposição de governos centro-asiáticos à China seria dificultada.(STUENKEL, 2018).

O discurso comumente defendido, e como proferido por Xi Jinping na Cúpula de Xangai, no ano de 2014, é o de que “Unidos e harmonizados, os países da Ásia se movem juntos para o futuro” ou ainda outra colocação do líder chinês de que “não importa o quanto a China se fortaleça, ela nunca será uma potência hegemônica” (STUENKEL, 2018). Contudo, os objetivos da China por uma perspectiva mais técnica são estratégias geopolíticas pelo domínio de poder, garantindo ou estabelecendo sua hegemonia. Outro ponto a ser ressaltado nesse sentido foi a realização do “Fórum para a Cooperação Internacional Cinturão e Rota” realizado em maio de 2017 em Pequim e que reuniu 28 Chefes de Estados, de várias partes do globo, o Secretário Geral da ONU e dirigentes do Banco Mundial e do FMI com o intuito de discutir as potencialidades de cooperação na Nova Rota da Seda. O encontro possibilitou a realização de uma análise sobre os reais propósitos chineses quanto a Iniciativa e também sobre a busca de seus objetivos de alcançar um desenvolvimento pacífico, refutar o hegemonismo e de

reafirmar os “Cinco Princípios da Coexistência Pacífica” - diretriz formulada nos anos 1950 (PIRES; PAULINO 2017).

O certo é que Nova Rota da Seda já cobre uma área que abrange 70% da população mundial, produzindo aproximadamente 55% do PIB global e tem 75% das reservas conhecidas de energia (STUENKEL, 2018).

4. CONCLUSÕES

Acreditamos que este trabalho servirá como instrumento de novas percepções críticas sobre a atuação chinesa no cenário internacional e sua ascensão como potência econômica bem como as estratégias geopolíticas utilizadas pelo gigante asiático ao propor e colocar em prática a *Belt and Road Initiative*.

Enquanto o discurso chinês possui enfoque no desenvolvimento através da cooperação multilateral e no pacifismo, os resultados futuros de suas ações poderão colocar a China em uma posição de grande poder econômico no cenário mundial assim como influencia também no Ocidente e posições militarmente estratégicas ao redor do mundo.

5. REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, G. **O Longo Século XX**. Rio de Janeiro, Editora UNESP, 1996.
- CINTRA, M. A. M.; PINTO, E. C. China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 37, n. 2, p.381-400, 2017.
- KISSINGER, H. **Sobre a China**. 5. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 572 p.
- MARSHALL, F. As rotas da seda, caminhos entre a China e o ocidente. In: PINHEIRO-MACHADO, R. **China, passado e presente**: um guia para compreender a sociedade chinesa. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013. p. 77-81.
- PINHEIRO-MACHADO, R. **China, passado e presente**: um guia para compreender a sociedade chinesa. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013. 248 p.
- PIRES, M. C.; PAULINO, L. A. Reflexões sobre hegemonia e a política internacional da China: a iniciativa “cinturão e rota” como uma estratégia de desenvolvimento pacífico. **Relaciones Internacionales**, Buenos Aires, v. 53, p.207-228, 2017.
- STUENKEL, O. **O mundo pós-ocidental**: potências emergentes e a nova ordem global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 251 p.
- WALLERSTEIN, I. **O declínio do poder Americano**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.